



DOSSIÊ  
**BIOÉTICAS LATINO-AMERICANAS:**

# **RAÇA, GÊNERO E DECOLONIALIDADE**

**REVISTA NÓS**  
CULTURA, ESTÉTICA E LINGUAGENS

VOL. 09, Nº 1, 1º SEMESTRE DE 2024

ISSN 2448-1793

Achei o dia bonito e alegre. Fui catando papel.

...aís bolacha. Voltei catando tudo  
eu não quiz catar papel. Quando  
tu-me que a baiana havia lhe chin  
ngar com uma criança de 5 anos!  
ngando a Vera confirmou. Assim  
a insultar-me. Mostrou uma peixeira  
e pretende lhe picar.  
Fui no senhor Manoel vender uns ferros  
veei pouco material e achei que era muito  
ahor Manoel se não errou no troco.  
... Fui na feira, comprei 1 quilo de feijão e 1  
ando um português jogou uns pés de alface no chão  
ei, o português gritou:  
— Chegou a freguesia do Bastião!

... Hoje eu não lavo as roupas porque o senhor  
comprar sabão. Vou ler

A Leila pegou machado  
vone Horacio, que deu-me a  
O processo foi cancelado p

lvone pediu a bacia, a Leila n  
iquei horrorizada e com dó.  
... Dois nortistas brigaram. So

nuistém, o valentão, apanhou  
... Todos ge  
am 2 cace  
e comprar

...tu estava to... fome devido ter levanta-  
... café... Fui lavar as roupas na la-  
... anual de Saude que publicou  
... há 160 casos positivos de  
... remédio para os favelados. A mu-  
... me com as demonstrações da doença caramu-  
... é muito difícil de curar-se. Eu não fiz o  
... não in... comprar os remédios.  
... Manoel vender os ferros. E eu fui

... ar. Peguei a... saí. Levei os meninos. Fui  
... na Rua Carlos de Campos. E pedi para ela  
... deu-me arroz e macarrão. E eu fiquei con-  
... Ele deu-me umas garrafas para eu ven-

... umas coisas para os meninos comer.  
... Fui no senhor Manoel vender as  
... dei 10 de pão e um cafezinho.  
... lavar roupas. 3 semanas  
... visinhas ficaram horri-  
... lavei. A Dona Geralda  
... procurar a Fernanda di-  
... roupas. E foi vasculhar a  
... acompanhou até a sua  
... pediu desculpas a Fer-  
... Quando recebeu a garra-  
... a contemplando a garrafa.

... Quando a Dona Geralda.  
— Que mulher boa!  
O rancor da Fernanda desanarcou por...

# Literatura

CONTOS

## O CHEIRO DO CÁRCERE<sup>33</sup>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14173871>  
Envio: 10/08/2023 - Aceite: 08/05/2024

Danú Cabral Gontijo<sup>34</sup>



É escritora, pesquisadora, ativista e artista transdisciplinar. Advogada, fez mestrado em Direitos Humanos pela Universidade de Utrecht (2004), doutorado em Bioética pela Universidade de Brasília (2015), com “sanduíche” doutoral de um ano na UNAM, México (2012). Desde 2003 se dedica ao estudo da violência, vias dissidentes e antídotos contra a opressão. Seu livro “La viralización de la violencia. Género, medios, mimesis, reexistencias”, foi publicado em 2023 na coleção Pensamientos del Brasil em Español, da Ed. Prometeo, Argentina, com prólogo de Rita Segato. Mora atualmente em Berlim.

A primeira vez que entrei no cárcere aprendi um cheiro.

(E cheiro se aprende? Eu não sei. Cheiro fundo, penso no mundo e posso “fragrar” uma pedagogia dos cheiros. Há um jeito certo de cheirar, uma “alta cultura” olfativa, e o resto são perfumes baratos.

<sup>33</sup> “O cheiro do cárcere” foi escrito por Danú Gontijo durante o período doutoral, em estágio no PUEG/UNAM, México, entregue como um dos trabalhos realizados para a disciplina ministrada por Marisa Belausteguigoitia, no 1o semestre de 2012. Foi também apresentado no VI FIFI (Colóquio de Filosofia e Ficção), realizado na UnB de 6 a 8 de maio de 2013. Integra a tese de doutorado “Violência pega?”, de 2015.

<sup>34</sup> GONTIJO, Daniela Cabral. Violência pega? 2015. 373 f., il. Tese (Doutorado em Bioética) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

O nariz, protuberante testemunha nasal, passa despercebido, aficionado que está o mundo com as oculares.

“Não me cheira bem” é uma expressão de pressentimento: mau presságio, diz de algo que se decompôs.

O tecido social se infeccionou, mas o cheiro foi arrestado. Já não sabemos de cheiros. Que cheiro de nada tem o tecido social em decomposição? A tevê é inodora. O Estado é insípido.

Como conhecer o que “não cheira bem”? Como pensar com o nariz? E nariz lá pode pensar?

Houve um tempo em que narizes puderam pensar, e pensavam para escapar: de pestes, venenos, maremotos... Acumulações... Sim, estas “não cheiravam nada bem” aos povos estudados por Mauss, talvez por isso praticassem o potlatch...

Esse tempo também se decompôs e a funcionalidade do nariz é inalação serial irrefletida.

Mas nem toda. Eu, como muitas, “volteio o nariz” para o capitalismo. Farejo que algo vai mal por seu bafo hidrolisado, misto de coca light com bacon frito. É duro decifrar seu faro, às vezes me confundo com seu cheiro.

O capitalismo sequestrou as fragrâncias, vende artifícios, cheira a assepsia. Pasteurizou a manada e exportou o que exalava para os cárceres.)

A primeira vez que entrei no cárcere aprendi um cheiro. Era doce, como às vezes cheira o lixo pela decomposição dos orgânicos, esse cheiro que aprendemos podre, forte, fétido, nauseante, como só pode ser o cheiro quando se encerram um amontoado de pessoas que comem, e defecam e urinam, e dormem e acordam, tudo e sempre no mesmo lugar.

Cada cárcere, por mais que cheirasse distinto, guardava semelhança olfativa. Já nos perguntamos quanto a modos de ver, modos de ler, modos de dizer, sensações tantas, mas e quanto aos modos de cheirar? Pode-se falar sobre uma colonialidade nasal? Como descolonizar quem já nem funga? O que seria um devir olfativo?

Uma das últimas vezes que entrei na Colmeia, penitenciária feminina de Brasília, entrevistei duas mulheres trancada com elas na cela. Alargamos a entrevista e chegou a hora do almoço. Tocava ovo. Leidi disse: “de novo! Quando é ovo vem sempre mal, eu não como, não, mas a Sandra come. Viveu na rua, tá acostumada,

come tudo”. Mal terminara o anúncio de Leidi, Sandra se pôs a comer, sem respirar, metia tudo goela dentro. A cela cheirava a ovo decomposto. E eu disfarçava o incômodo, estirava minhas ventanas nasais, respirava fundo, controlando a ânsia. De vômito. De que se acabara logo. De que se fora o cheiro. De que se fora para sempre o cheiro.

Talvez fosse o ovo que cheirasse à cela, numa espécie de mimese olfativa.

(O capital e suas tecnologias vendem desodorizantes para todo (des)gosto. Vendem para nós que compramos assepsia. Existem pessoas que em toda uma vida não sentiram um cheiro. E muitas que não sabem que o sentiram, um farejo inconsciente, como as que nunca estudaram música e saem tocando instrumentos. Há poucas, mas ainda há dessas que vivem de ouvido. As que “vão de nariz” são mais raras. Desodorizadas por anos, aspiram letárgicos os narizes – como o meu, o que eu sinto muito.

E se sente com o nariz?

Se sente e se conhece. Basta dizer que as pessoas não cheiram para não sentir. Não (re)conhecer. Um cheiro ousado arrisca amolecer estruturas de séculos. E há sempre o perigo dos odores retroativos.

...

Mas a revanche do fétido está em curso. Vai invadir nossas praias. Emergirá podre, como o cheiro do cárcere, denunciando, num teorema baudrillardiano, que o sequestro dos odores não foi total.

Trago comigo o cheiro do cárcere, memória olfativa de gente que tem corpo, meu nariz é testemunha. Cheira lembrança, o que poderíamos também chamar de “devir nasal”, para não esquecer o olor putrefato do que fizemos de nós.

Os fedores amontoados e apartados revolverão, baixarão os narizes esnobes, que saberão, por fim, que o cheiro do cárcere nunca foi tão nosso).